

A TEATRALIDADE DO DIREITO E DO PODER NA LITERATURA DE KAFKA

Beatriz Weyl¹

RESUMO: A busca por uma interpretação diferenciada do Direito e do poder, longe das tradicionais definições institucionais, nos leva a arte de maneira abrangente. Tanto a literatura como o Teatro são, em essência, artes que possibilitam um entendimento das relações sociais como processos atemporais e cíclicos. Dentre tantos bons trabalhos, a obra de Franz Kafka é, sem dúvida, um grande exemplo, seja por apontar os ditames do Estado, as estruturas burocráticas e demais relações de poder, ou mesmo por apresentar os indivíduos enquanto sujeitos de um tempo sem liberdade e sem autonomia frente do sistema econômico. Seus romances e contos, indistintamente, abordam temas comuns a todas as sociedades modernas, ou seja, a dualidade entre o ser e o dever ser, o enquadrar-se em uma ordem estabelecida ou ser condenado por coerções dispersas ou concentradas. A literatura kafkiana revela a vida cotidiana a partir de elementos teatrais, a partir de símbolos compreendidos e outros não decifrados, de personagens híbridos. Uma literatura que revela, em essência, a vida social e seus percalços. A teatralidade da literatura de Kafka ainda é revelada pelo engajamento, por propiciar ao leitor uma cumplicidade com a obra, seja por se colocar como ator principal, coadjuvante ou mesmo espectador atento do drama apresentado. Este artigo tem como objetivos analisar os aspectos teatrais da obra de Kafka e, a partir dos mesmos, desvelar e interpretar as relações de poder em seus contos e romances.

PALAVRAS -CHAVE: Kafka, teatralidade, literatura.

ABSTRACT: The quest for a distinct interpretation for Right and Power, far from the traditional institutional definitions, leads us to the comprehensive concept of Art. Literature and Theatre are, essentially, artistic languages which can provide an understanding about social relations as extemporary and cyclic processes. Among many distinguished works, the production of Franz Kafka is, undoubtedly, a great example. Even by pointing the State demands, the burochratic structures and others power relations, or presenting the individuals as a freedom less subjects without any autonomy face economic systems. His novels and short stories, indistinctly, approach common motives to all modern societies, it means, the duality of being and should being, the framing to an established order or to be condemned for dispersive or concentrated coercions. The kafkian literature reveals the quotidian life through theatrical elements, through comprehensive symbols and also non-decipherable ones, of hybrid characters. A literature which reveals, in its core, the social life and its hindrances. The theatricality in kafkian literature yet reveals itself through its engagement, which propitiates to every reader a deep and strange sense of complicity to the work: In Kafka's view, we are always witnesses, partners or main actors of the drama. This paper aims to anlyse the theatrical aspects on Kafka's works, and from that, to unveal and to interpretate the power relationships found in his short-stories and novels.

KEY WORDS: Kafka, Theatricality, literature.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar as relações de poder a partir da literatura de Franz Kafka, bem como interpretar a sua inerente teatralidade. Em primeiro lugar, a escolha deste tema deve-se a constatação de que é muito antiga, e vem se mantendo permanente, a relação entre arte e conflitos, tensões e outras ocorrências sociais. As tragédias gregas deixaram as primeiras pistas de ordem universal para se perceber o significado que o poder e a violência têm sobre os desarranjos da sociedade e a mudança dos destinos dos indivíduos. Das peças dos poetas clássicos, como Sófocles, todas mostram os heróis épicos envolvidos em conflitos cívicos que emergem nas cidades (CHÂTELET, 2000). Modernamente William Shakespeare produziu seus dramas enquanto herdeiro de um novo tipo de tragédia, reafirmando pela expressão literária a fragilidade do ser diante dos conflitos internos e externos.

A arte é um dos mais instigantes caminhos para se compreender a contradição das relações de poder, em parte pelo fato de não apresentar resultados e não visar uma explicação que garanta a estabilidade social e a preservação da vida individual. Neste sentido, a arte vem indicando de maneira contundente que a esfera da política e do direito, ao invés de representar o controle do espaço público, deve ser compreendida como o lugar do confronto permanente entre o homem e seu destino, como lócus dos conflitos intermináveis.

A dimensão do poder na obra de arte é ainda mais determinante quando analisamos os textos de dramaturgia. Pelo fato do teatro ser um espaço no qual somos levados a participar, exigindo engajamento, unidade entre representantes e representados e cumplicidade entre ator e público, os textos teatrais são, em si mesmos, construções de um processo que amplia a rede de comunicação entre personagens e espectadores, por prever a encenação. Podemos afirmar que somos, simultaneamente, diante da arte, vítimas e culpados. Atuando numa esfera de conceitos justapostos, de forças contraditórias e de grande impacto.

Embora seja um consenso de que a literatura e as artes cênicas não explicam os conflitos sociais, jurídicos e políticos num sentido abrangente, todos corroboram com a tese de que o caminho da arte nos mostra uma dimensão pouco considerada na abordagem institucional, dando novos significados diante dos conflitos vividos pelo homem.

A importância de pensar a criação literária e artística se fundamenta no fato de que é no espaço social, político e econômico que a mesma nasce e se desenvolve, sendo um referencial para pensar a própria vida. O que pressupõe a completa materialização das tensões sociais, condensadas de maneira viva e instigante. Além das constatações acima, de que a arte elucida as grandes questões da modernidade, este caminho favorece um olhar plural sobre a realidade vigente, contribuindo para o entendimento dos múltiplos significados das relações sociais,

dos indivíduos e os sistemas que o circundam. Para além da própria constatação de um olhar menos vicioso, é preciso e necessário a interdisciplinaridade, como forma de repensar a dogmática e os pilares da teoria sacramentada.

DIREITO, PODER E A LITERATURA KAFKIANA.

O Direito, em sentido amplo, é um conceito presente em quase toda obra de Franz Kafka. Até para os leitores mais avisados, causa espanto a presença constante da materialização das tensões sociais e seus desdobramentos revelados nas aflições dos personagens centrais, tanto nos romances como nos contos.

Em movimentos constantes, a literatura kafkiana percorre, de forma atemporal, as inquietações dos homens frente ao complexo sistema social e jurídico. Os descompassos entre individualidade e sistema são descritos como perversos diante do fato de que em todas as ações humanas existe a presença marcante da autoridade que gera medo e insegurança, em ciclo de relações de poder que são alternadas, mas nunca desaparecem. Como um conflito inerente à própria sociedade, todos os temas acabam convergindo para questões que estão além de seu tempo histórico, além dos conflitos mundiais do início do século XX ou mesmo os dilemas da construção da soberania nacional na Tchecoslováquia, terra natal de Kafka.

Em qualquer época, o homem Kafkiano é parte constitutiva de uma engrenagem da qual ele desconhece seu sentido e, sobretudo, a maneira como deve estabelecer um elo de comunicação plausível. Nesse sentido, a incomunicabilidade em Kafka é uma categoria que pertence ao cotidiano, que leva a oposição de caracteres; daí a razão de sentir-se um criminoso que observa um crime que não cometeu. Por isso sugestiona o leitor a pensar no desaparecimento dos vínculos e no descrédito das convenções, ao mesmo tempo em que se empenha na criação de novas raízes, seja como um esforço para livrar-se de um crime (CALASSO, 2006) ou para atingir as portas de um inatingível castelo para o qual foi contratado como um prestador de serviço (KAFKA, 1997).

Pelo insuportável ou absurdo das relações sociais, que em Kafka é transcendental, nos deparamos com a incomunicabilidade que determina circunstâncias alheias ao homem. A percepção correta de algo e sua incompreensão não se excluem por completo, o que torna as interpretações meras tentativas de visualizar as dicotomias da vida social, gerando um desespero para aquele que busca certezas. Não há um caminho único para pensar e interpretar os sistemas, sobretudo no que tange o universo do direito.

Diante da lei estão os tribunais, os operadores do direito e toda a estrutura de poder que reproduz o temor, as incertezas e as dores da falta de reciprocidade. Assim, com portas que não se abrem ou, entreabertas, impedem-nos de enxergar além do primeiro porteiro que guarda a porta da lei; o acesso à justiça é negado

por ser estéril, improdutivo em sua concepção originária, apesar da profusão de sua estrutura.

Josef K, personagem acusado, é aquele que espera, que observa – enquanto isso procura um outro caminho (CALASSO, 2006) que não a justiça. O contraditório é posto como fato concreto: vigência e eficácia, direito formal e material, direito codificado e direito processual, direito e justiça, dogmática e zetéica. O direito reforça a dialética por ser dialético. Bem como as relações de poder, dentro e fora da esfera estatal, alimentam o ciclo inevitável da tragédia e do caos, ao mesmo tempo em que visam o sem fim.

Assim como Shakespeare escreveu que “o tempo está fora dos eixos”, Kafka (1997) também atribuía certa disjunção na realidade que o circundava. Com sua literatura do absurdo, revelamos as incompletudes e impossibilidades da vida, da comunicação e do equilíbrio. Não apenas aquelas em decorrência das macroestruturas, burocráticas e incompatíveis com as necessidades dos indivíduos, mas as que afetam o indivíduo desde sua origem: as relações familiares e afetivas.

Em todas as temáticas que perpassam pelas relações de poder, Kafka (1997) adicionou significativos elementos para o pensamento social, político e jurídico. É claro que Kafka (1997) não conseguiu explicar a vida social, o direito e a política num sentido abrangente, mas nos mostrou uma dimensão pouco considerada nas abordagens institucionais, fornecendo pistas para compreendê-los como arte, mostrando seus limites, paradoxos e insuficiências. Como em Shakespeare, encontramos reflexões sobre a existência de regras próprias do funcionamento do direito e do poder que entram em confronto com a vida, ora conduzindo às tragédias, ora dando continuidade ao ordenamento social. Indivíduo e poder tendem sempre a se aproximar e, neste movimento, o indivíduo pode ser sacrificado pela morte, loucura ou outras perdas.

KAFKA E O REALISMO

A literatura de Franz Kafka, como a literatura de modo geral, espelha valores e imagens de uma realidade vigente, em que o direito e as relações de poder estão presentes. O direito, de forma especial, sempre encontrou um lugar privilegiado na literatura universal e brasileira. Não é possível ter um testemunho de um bacharel brasileiro de século XIX, com suas virtudes, preconceitos e trejeitos sem recorrer a Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e Aloísio Azevedo. Na literatura universal, Kafka (1997) compartilha com muitos outros literatos o ofício de descrever impressões sobre a realidade jurídica, seus homens e suas sociedades. Entre eles devemos destacar Tolstoi, Balzac e Dickens que com requinte ou simplicidade traduziram, por meio da literatura, a arte sobre a condição humana.

Pelas evidências de um pensamento lúcido e de fácil compreensão, corre-

se o risco de vislumbrar uma formulação sistemática de toda a obra de Franz Kafka. Certamente este escritor não foi um simples literato. É considerado um dos mais importantes escritores do século XX, sendo sua obra uma referência ao estilo moderno. Sua história pessoal, em si mesma, já é um indício claro de como Kafka pensou a vida social e seus percalços. Nascido em Praga no final do século XIX, pertenceu a uma família judaica de descendência alemã, o que lhe garantiu uma formação heterogênea e por demais conflituosa. Formou-se em Direito e trabalhou em várias companhias de seguro. Começou a escrever por volta de seus quinze anos, mas desse tempo nada restou, tudo que foi escrito foi queimado, dada a crise do autor com sua obra. Relação essa que se manterá por toda a vida, o que explica ter sido a maior parte de sua obra publicada postumamente. Coube a seu melhor amigo, Max Brod, transmitir o legado deixado por Kafka (CANETTI, 1988).

Somente na França que começou a ganhar destaque nos anos vinte e, somente mais tarde, em 1950, foi reconhecido na Alemanha. A proibição sofrida por seus textos deve-se mais a história de sua vida do que de sua obra. Como judeu, viveu sempre se sentindo ameaçado por inimigos reais e imaginários. Embora tenha morrido muito antes de presenciar os efeitos do nazismo na Alemanha, ele parecia ter pressentido os horrores da Segunda Guerra Mundial e o destino da pequena comunidade judaica em Praga, nos campos de concentração. Os regimes totalitários parecem ter despertado em Kafka mais do que a impotência dos homens frente aos ditames do Estado e das leis; revelou, isso sim, um cenário sombrio de homens controlados por homens, dentro e fora das instituições sociais. Talvez por isso, grande parte da literatura sobre Kafka o classifica como um homem triste, introspectivo e pessimista.

Sua obra, por muito tempo, representou uma ameaça para os pilares que sustentam os valores morais, preconceituosos e elitistas de uma sociedade. Modernamente, Kafka produziu seus contos e romances enquanto herdeiro de um novo tipo de drama, reafirmando pela expressão literária a fragilidade do ser diante dos conflitos internos e externos. Em todos os seus textos realiza encenações da vida dos sujeitos e das instituições sendo comprometidas duramente pelos conflitos sociais, inclusive, as relações afetivas. É por esse fato que um dos temas mais candentes é a infinita postergação de tudo que é essencial (CANETTI, 1988).

Kafka, assim como Dostoiévski, aflorou a difícil sociabilidade entre os homens e a complexa subjetividade no mundo ao abordar os radicais políticos maculados pela própria natureza humana e pelos sombrios porões da sociedade. Para esses e tantos outros conflitos Kafka não tem respostas, ao menos não uma resposta facilmente digerível. Segundo ele, existe o fim, mas não o caminho, e o que pensamos ser o caminho, é apenas perplexidade, uma armadilha que nos impede de revelar os contornos dos véus que nos cegam. A sociedade é um complexo que nos aprisiona pelas próprias relações que somos levados a estabelecer ao

longo de nossas vidas, relações que nos mantêm presos a regras controladas por todos (FOUCAULT, 1983).

Foram muitos contos e alguns romances, entre eles “O Processo”, “Castelo” e “América”, todos inacabados. No primeiro, colaborou com seu ensino técnico e sua grande capacidade de perceber o sistema jurídico para uma análise crítica do direito, com a saga de Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora; no segundo, descreveu o agrimensor K. e sua impossibilidade de conseguir ter acesso aos senhores que o contrataram, ou seja, aos limites do próprio Castelo; e no terceiro, uma espécie de empresa que abarca o mundo, em que a redenção é conseguir um emprego, conseguir pertencer a um grupo. Neste último, Karl é recebido na América por um tio senador que de início o protege para logo o abandonar, e daí em diante passa por uma série de estágios e encontros que o levam a degraus mais inferiores. Em todos, igualmente, as relações são difíceis e sofridas, no limite do suplício.

A Literatura de Kafka é marcada pela imparcialidade que abrange os temas da alienação e perseguição. Seus contos são classificados como realistas, que definem de forma racional os conflitos existenciais do homem de hoje. No mundo Kafkiano, os personagens não sabem exatamente que rumo tomar, não compreendem sua trajetória de vida e suas vicissitudes, mas questionam seriamente a existência e acabam sozinhos, diante de uma realidade não almejada e que não oferece nenhuma vantagem ou recompensa. Os protagonistas, geralmente homens, são, para muitos estudiosos de Kafka, projeções do próprio escritor, seja pelos constantes desentendimentos com o pai, a solidão, os estudos de direito, as horas no escritório, a profusão de manuscritos e a tuberculose. Dentre suas obras podemos mencionar: Cenas de um casamento no campo; Considerações; Aeroplano em Brescia; Um artista da fome; Na colônia Penal; Diante da Lei; Meditação; Carta a meu Pai; Um médico rural; O Processo; O Castelo; Metamorfose; A Sentença; Um relatório para a Academia; A preocupação de um pai de família; Contemplação: O foguista; Poseidon; Noites; Amerika; Sonhos; Cartas a Milena; A muralha da China; Sobre a questão das leis; Primeiro sofrimento; Pesquisas de um cão; Uma pequena mulher; A construção; Josefina, a cantora; O povo dos Ratos; Veredicto.

DA LITERATURA À DRAMATURGIA

Todo romance encena um tipo de teatro, a obra de Franz Kafka não suscita algo diferente, ao contrário, seu universo subjetivo aponta para a necessidade, quase psicanalítica, de interpretar o mundo interior face aos conflitos exteriores.

Segundo Goethe (1999) o simples fato de olhar uma coisa resulta, gradualmente, em contemplação, a contemplação termina em pensamento, e este no estabelecimento de conexões; assim, pode-se afirmar que cada olhar atento

lançado ao mundo é um ato de teorização. Por este motivo, pode-se dizer que cada olhar atento a um texto é um ato de interpretação. No caso de Kafka, os caminhos para a interpretação revelam a invenção do humano diante dos artifícios da vida social. Nada, por mais obvio que parece, expressa a compreensão simples do que é revelado. Isto porque estamos diante de uma visão sensata que produz o absurdo, ou a insensatez da vida. Prova disso é o fato de Gregor Samsa despertar transformado num inseto gigantesco, em “A Metamorfose”.

Kafka cultua a estética da vulnerabilidade, vivenciada pelos sujeitos do nosso mundo pós-moderno, numa recriação simbólica do mundo pela imaginação. É por isso que sua obra encontra um lugar no imaginário e na memória que pode e deve ser tratada como uma representação da representação, ou seja, a encenação da sua literatura. A recriação dos textos de Kafka aponta para o olhar do homem comum, que precisa permanentemente reinventar sua história como forma de compor seus conflitos, conflitos universais e permanentes que, por meio da tragédia se reconhece e se fortalece num processo necessário e vital para sua sobrevivência (ANDERS, 2007).

No processo permanente de representar a representação, o Teatro traduz o ciclo da vida e refaz o absurdo como mecanismo para o entendimento da mesma, com todos os seus contornos mal definidos.

KAFKA E SEUS PERSONAGENS

Na literatura Kafkiana encontramos a relação entre um personagem que ora é um jovem comerciante que certo dia se vê condenado à morte, ora é o caixeiro-viajante que acorda certa manhã, metamorfoseado num inseto (KAFKA, 2006); há um médico rural que, chamando a atender um doente grave, encontra, ele próprio, a morte. Em todos encontramos figuras bisaras, estranhamente mal adaptadas ao seu tempo. Todos os personagens são homens de dois universos, que percorrem o limite do sonho e da realidade, a vida e da morte, pessoas sem pátria, sem paz, sem identidade definida.

Curiosamente, seus personagens não têm uma importância social, não têm origens espetaculares, não são predestinados a nada. Vivem no cotidiano das pessoas comuns e só se revelam com a suspensão do curso vital. Tudo começa com narrativas do cotidiano, sugerindo completa normalidade (ANDERS, 2007).

A partir do princípio, tudo gira em torno de possibilidades. Infinitas possibilidades, um mar de ações que ora se completam, ora são contraditórias. Porém em todas as circunstâncias predomina a insegurança e a falta de clareza sobre os porquês das mutações, infelicidades e incompletudes da vida. Como um artifício literário, Kafka nos tenta salvar dos porquês quando se atem aos mínimos detalhes de seus personagens. E isto é decisivo: por meio do registro exato de

todos os detalhes do corpo, que passam pela roupa, partes do corpo e atitude. Com este estilo, cria um símbolo e abre portas para os múltiplos significados. Deixando a todo leitor um caminho para o imaginário dado seus múltiplos elementos teatrais.

Um exemplo de grande importância para esse trabalho refere-se aos personagens do conto "Na Colônia Penal". O processo começa com uma acusação que permanece, até o final do conto, totalmente vazia, mas que arrasta o acusado para a culpa. A desclassificação é a causa do crime. Ao condenado cabe apenas acompanhar de perto a punição (CALASSO, 2006).

O condenado, um soldado que dormiu durante o serviço, não é uma invenção kafkiana, e sim o modelo de uma realidade moderna, em que as pessoas são identificadas pelas suas atividades produtivas. O modo de produção industrial definiu as tarefas desempenhadas pelos homens a partir da divisão social do trabalho, em que cada um é responsável por parte da produção, ou da engrenagem que forma o todo produtivo. O trabalho de cada um é imperceptível a olho nu, como um dente de uma engrenagem, que só nos damos conta da sua importância quando esta quebra e compromete o funcionamento de uma máquina. Neste sentido, não importa quem é o soldado, aliás, ele pode inclusive ter um ar estúpido, desde que cumpra com suas tarefas militares, pois é isso que se espera dele, apenas isso.

Cada função é decorrente de uma especialização, o que define a era moderna como a era burocrática. Ao fracassar em sua função, por mais insignificante que seja, como se levantar a cada hora e bater continência diante da porta do capitão, o soldado, no caso, deixa de ter uma função e não é mais digno de ter realidade. Ao associar homem e profissão, o mundo moderno nega a singularidade, nega a identidade. O conceito de profissão recebe um caráter tão absoluto que faz lembrar o conceito religioso de "Vocatio". No mundo moderno as pessoas associam sua existência à sua atividade produtiva: "eu sou engenheiro", "eu sou professor", "eu sou médico". Sem seu documento de identidade profissional o homem, no caso, um soldado, merece ser julgado e condenado à morte, visto que para a sociedade este homem já está morto, não tem identidade, não existe (COUTINHO, 2005).

O fato de não ter conhecimento de sua sentença, ou seja, de não ter acesso à verdade, não causa espanto ao condenado, que acompanha tudo com um olhar incerto, mas nunca de revolta. O condenado não entende nada, não recebe informações, não conhece sua sentença, e mesmo assim permanece tranquilo. Boa parte dos personagens Kafkianos vive sob a luz da incerteza, seres que nunca sabem do desfecho dos procedimentos judiciais. A única coisa que se tem certeza é que estas pessoas não têm direitos e que, portanto, não precisam ser informadas sobre seus processos. Nesse sentido, a justiça mais se aproxima da concepção de vingança, anterior ao século XVIII, do que de justiça, sobretudo a partir dos ideais

iluministas (BECCARIA, 2003).

O ato de perder a própria identidade coincide com o fim dos direitos naturais: liberdade e vida. Na descrição do mundo moderno, o homem se coisifica, parece menos humano, rebaixado ao mundo animal. Daí a razão para a sujeição canina. O mais interessante é que em Kafka, o horror é traduzido como normalidade, não é espantoso ver a desintegração daquele que não seguiu as regras, nem mesmo para a própria pessoa (COUTINHO, 2005).

Ao final do conto "Na Colônia Penal", o cenário é invertido e o condenado é liberto (diferente de ter conquistado sua liberdade), neste momento ele ri sozinho, mansamente, sem dizer uma palavra. É o momento em que o soldado volta a ser admitido, reconhecido como membro, livre em seu sentido negativo. A partir de então, o condenado recebe de volta sua vida regrada, pré-determinada socialmente. A nova inscrição no corpo do condenado não é mais uma sentença, mas um código de comportamento, de valores e saberes (KAFKA, 1997).

Outro bom exemplo é o personagem do gerente do conto "A Metamorfose". O personagem do gerente é bastante inexpressivo. Pouco se sabe dele, exceto que representa parte da hierarquia da empresa que Gregor, personagem central, trabalha como caixeiro-viajante. Além disso, sabe-se que ele reage com medo e desconforto diante da figura metamorfoseada. O Gerente é a personificação do próprio sistema capitalista monopolista. Kafka nesta e em outras obras conseguiu traduzir um mundo em ruínas, esvaziado de qualquer ilusão humanista de uma época revolucionária, anterior ao século XIX. Entre as ilusões que não mais tem um lugar seguro está a crença na plena expansão e realização da individualidade na sociedade capitalista que se anunciava. A época de que se ocupava Kafka, porém, já não tolera sequer a esperança de fuga subjetiva, o homem já não pode ignorar os efeitos do sistema capitalista em sua vida, mesmo em seu mundo privado, em seu quarto de dormir (COUTINHO, 2005).

Essas transformações internas no mundo da narrativa refletem, em última instância, as transformações ocorridas no ser social de capitalismo. Ao transformar a força de trabalho em mercadoria o capitalismo da época liberal transformara o homem vinculado ao processo numa "coisa", num objeto desumanizado. O capitalismo retira do trabalhador não apenas o produto de seu trabalho, mas, também, a capacidade de formular a finalidade do mesmo.

No sistema capitalista a posição ocupada pelos indivíduos não é determinada por vínculos naturais ou de sangue, mas por fatores casuais, o que cria um espaço de manobra relativamente amplo. Contudo, esse aumento de liberdade individual, ainda que objetivo, é apenas um aspecto do processo. O caráter essencialmente contraditório do capitalismo faz desse aumento de liberdade um fenômeno tendencial, fundado nas leis do mercado.

Kafka conseguiu em sua obra mostrar o endurecimento crescente do

ambiente social, relatando os estreitamentos dos espaços individuais. Como realista, deu forma a esse processo, por meio dos destinos humanos, ou seja, com situações concretas vividas por homens concretos. O preço da segurança é, aparentemente, o de aceitar passivamente os papéis prescritos pela divisão burocrática do trabalho, tornando-se um consumidor obediente de mercadorias, opiniões e modos de vida. Porém sabe-se que mesmo agindo assim, a segurança não existe sempre, pois ela encobre as sucessivas e necessárias crises do sistema capitalista. No caso de Gregor, os poderes sociais irrompem em seu quarto de dormir de tal forma que o impossibilitam de continuar a exercer seu papel na divisão social do trabalho e, portanto, de se sentir seguro (PASSETTI, 2004).

Em suma, Kafka revela a batalha de homens concretos para conservar o núcleo ameaçado da sua individualidade. O caminho percorrido pelo autor é o que vai das singularidades pessoais à universalidade concreta do mundo de todos os homens. Sua obra revela o Teatro da vida, seus conflitos, símbolos e representações. São personagens reais e uma vida real. Sistemas, burocracia, economia, indivíduo e sociedade. Obras revelam a representação do mundo vivido por todos. Somos, sem exceção, personagens kafkianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos aspectos aqui apresentados, a obra de Franz Kafka contribui para desvelarmos o poder e seus percalços de políticas de todos os tempos, decorrentes das relações estabelecidas por todos os homens em todos os tempos. Uma literatura que apresentada como a essência da própria vida, obriga o leitor a se posicionar, como parte da história universal, seja como ator principal, coadjuvante ou mesmo com expectador de um drama familiar. Muitos são os elementos simbólicos, teatrais, para revelar a vida e seus meandros. Personagens atemporais de uma história atemporal, por essa razão, ainda viva e presente em nossos dias, desde os gregos.

A arte, o teatro e o poder estão, indubitavelmente, interligados, ora como processo de uma eminente transformação, ora como forma de consolidarmos e vivenciarmos nossa própria construção social.

NOTAS

¹ Doutora em Ciências Humanas pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ; Mestre em Sociologia Política pela Pontifícia Universidade de São Paulo - PUC. Professora Adjunta da UFRRJ.

e-mail: beatriz.vey@gmail.com

REFERÊNCIAS

- ANDERS, Gunther. **Kafka**: pró & contra. São Paulo: Cosacnaify, 2007.
- BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- CALASSO, Roberto. **K**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CANETTI, Elias. **O Outro Processo**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- CHÂTELET, François. **História das Ideias Políticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- COUTINHO, Carlos N. **Lukács, Prust e Kafka**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GOETHE, Johann W. Von. **A Doutrina das Cores**. Nova Alexandria, 1999.
- KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PASSETTI, Edson (org.). **Kafka Foucault sem medo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Artigo recebido para publicação em 11 de abril de 2011.